

O  
EXU DO  
PERCURSO

THAIS DE BHANTHUMCHINDA PORTELA

*Arquiteta urbanista, professora PPG Arquitetura e  
Urbanismo/UFBA e membro do Laboratório Urbano*

*Thais, essa cidade fala com você!  
Escuta Thais, que Ela fala,  
Ela responde.*

*(Dito do escultor Serginho Soares,  
em uma terça-feira qualquer,  
dobrando a esquina da ladeira do Taboão...  
logo ouve-se o toque de Exú  
seguido do de Ogum.  
Agô)*

A cartografia da ação como método e Exu como sujeito da ação no exercício vivido dos percursos dos Trabalhos de Campo, essas foram as minhas escolhas tanto para o percurso como para o jogo da escrita. Tento fazer aqui uma narrativa do que foi essa “amarração” encomendada por mim mesma de diferentes afetos: Ana Clara Torres Ribeiro e sua pesquisa-ação que perfaz cartografias; a imanência dos orixás e as ruas do Centro de Salvador, que como toda grande cidade, passa por processos de transformação do que talvez se possa chamar de subjetividade desenvolvimentista.

Essa subjetividade desenvolvimentista é capitalística, isto é, é voltada para as trocas da ordem do capital, das semióticas monetárias e dos modos de produção independente de regimes ou posições políticas (co-

munismo, socialismo, capitalismo, esquerdas ou direitas); é direcionada sempre para o futuro, carregando o sinal de cada vez mais, cada vez mais... e funciona através do modo de controle da subjetividade que cria uma sujeição do tempo e do espaço que coloca todos nós sujeitos (capitalistas ou comunistas; esquerda ou direita; religioso ou ateu; ricos ou pobres... tanto faz) a uma necessidade de crescer, de fazer a vida andar para frente ou de subir na vida, de não perder tempo, de apertar o passo... de ter projeto para o futuro.

O capital é “cultura de equivalência”, funciona de modo complementar e equivalente à cultura: o capital cuida da sujeição econômica; a cultura da sujeição subjetiva – essência do lucro capitalista que não se reduz ao campo da mais-valia econômica: ela também está tomada de poder da subjetividade. Por isso a recriminação social quando produzimos o tempo, o espaço, a vida (nem que seja um pouquinho) sem rumo determinado, na criação de desperdícios, como diria Manoel de Barros, ou na hora que dá uma preguiiiiiiaaaaaaaa, como diria Macunaíma. A anormalidade é classificação que logo aparece quando não se é trabalhador, empreendedor, quando não se cumpre com as metas das obrigações produtivas que geram o desenvolvimento. Estar fazendo nada chega a ser pecado! Que os sujeitos sujeitados à essa subjetividade, em qualquer instância (na sociedade civil, nas instituições, nos governos) realizem práticas permeadas por preconceitos e violências de toda ordem... desde que se cumpra a jornada de trabalho, pague-se as contas do consumo cada vez exacerbado e sem sentido e contribua-se para o desenvolvimento da cidade, tudo bem... está justificado.

150

A vida, nos corpos e no espaço do Centro de Salvador, é permeada por esse processo de subjetivação. São corpos de sujeitos que correm para chegar ao trabalho ou gerar renda, é um projeto atrás do outro, é uma especulação constante com o tempo que sujeita à todos nós, do vendedor do carrinho de café ao proprietário do hotel de luxo do Centro Histórico, ao pulso do desenvolvimento. Inventam-se até adjetivos para tornar o processo politicamente correto... o desenvolvimento agora não é apenas econômico, é humano, sustentável, participativo. Os enunciados discursivos são produzidos de tal modo que, quem pode ser contra o desenvolvimento?

E, por que ser contra o desenvolvimento? Porque esse processo de subjetivação, que intenta desenvolver a vida no modo acima descrito, carrega, de modo intrínseco, uma violência brutal que é “esquecida” em um enorme recalque coletivo que mantém as consequências inerentes à esse processo em estado de negação. O “aquilo” que está aqui e agora matando a própria vida na urbe, é sabido, alardeado, mas não se faz diferente, os padrões não se rompem.

Há uma não-ação frente às práticas de toda ordem de violência: do carnaval das cordas e camarotes, do vergonhoso índice de mortalidade dos meninos negros pela polícia, da falta de verba para educação e saúde, dos engarrafamentos, da poluição dos mananciais e do acúmulo de lixo. Aceita-se as conhecidas consequências com a dispendiosa construção do mais caro estádio da Copa Fifa no Brasil, o Estádio da Fonte Nova. Afinal, como diz o mote publicitário do atual governo do Estado da Bahia, se essa é a “Terra de todos nós” quem pode ser contra o “nós”? Apenas quem é “baderneiro”, nova categoria social para descrição de anormalidades como os vagabundos ou desocupados de outrora. Esse é o modo de produção da deslegitimação da nova configuração dos movimentos sociais que ousam ir contra o “nosso” desenvolvimento. Mas, no percurso dos Trabalhos de Campo há escapes à lógica desenvolvimentista? Aqui entrou Exu. “Laroiê!”

## CARTOGRAFANDO AS AÇÕES [IM]POSSÍVEIS

*Há uma “outra cidade” potencial, indiciada pelo teor dos conflitos urbanos, que não se deixa apreender facilmente por discursos únicos ou por entidades que, atuando “por cima”, visem a eficiente unificação política das práticas sociais. Esta sistematicidade, emanada de energias sociais liberadas pelo fracasso de tantos projetos, é de outra natureza. Resiste, sim, aos projetos dominantes para as grandes cidades da região; porém, os conteúdos desta resistência não se limitam à contestação direta destes projetos. Incluem, de forma muito mais larga, a experiência, a criatividade, as conquistas, as vozes e os sonhos de muitos outros. (RIBEIRO, 2006)*

151

O trecho acima está em um texto de Ana Clara Torres Ribeiro, “A cidade neoliberal: crise societária e caminhos da ação”. Nele há a descrição de uma cidade que é o revés daquela que funciona para o desenvolvimentismo. Essas cidades são a mesma, uma é a outra, não existem em separado, nunca. A cartografia da ação realizada no processo dos Trabalhos de Campo buscou a experiência desse outro que só aparece no revés, nos cantos opacos da cidade luminosa projetada no pulso do desenvolvimentismo, e tentou seguir pistas deixadas por Ana Clara:

*[...] realmente precisa-se de uma nova cartografia, de uma cartografia da ação que inclua as descobertas, e também as mazelas, do cotidiano. Essa cartografia não necessariamente expressa em mapas [...] um enfrentamento exigido pela reflexão do território usado e pela análise da ação social. Há, concretamente, uma sociedade profundamente ativa sem representações sociais correspondentes, o que facilita códigos comportamentais da modernização passiva e a manutenção da colonialidade. (RIBEIRO, 2011)*

A quebra da colonialidade, nesta experiência de andar pelas ruas do Centro da cidade, é cartografar o gesto de Exu presente no espaço, sem ter pudor de ser classificada pelos preconceitos e de sofrer as violências que envolvem a religiosidade

do candomblé e a negritude que não se enquadram na imagem pacífica da Roma Negra dos cartões postais. A cartografia dessa ação tenta ser a grafia de caminhadas em deriva para encontrar esse sujeito-movimento e seu desígnio é uma escrita-mapa, que sustenta a ação de outros que também queiram desperdiçar-se e preguiçar nas ruas de Salvador, encontrando com Exu por aí na medida em que se cria temporalidades menos lineares. Deixo esse sujeito outro ser apresentado por narradores da cidade do Salvador:

*[...] Exu, que é sincretizado com o diabo, é o único que não casa bem com seus sócias católicos. O diabo é o diabo mesmo, ruim, implacável, Exu não, Exu é moleque, gosta de ser adulado, se sensibiliza com a oferenda de um galo, uma garrafa de cachaça ou alguns charutos e então desfaz qualquer perversidade que maquinou em seu juízo travesso. Ele é antes de tudo o mensageiro dos Orixás. É ele o encarregado de abrir os caminhos, de desentortar as longas estradas que nascem no Daomé e na Nigéria. (CARYBÉ, 1976)*

*[...] Não sou diabo nem santo, sou Exu!  
Mando e desmando, traço e risco, faço e desfaço.  
Estou e não vou. Tiro e não dou.  
[...] Sou nuvem, vento e poeira.  
Quando quero, homem e mulher.  
Sou das praias e da maré.  
Ocupo todos os cantos;  
[...] Sou argamassa, de sonho, carne e areia.  
Sou a gente sem bandeira.  
O espeto, meu bastão.  
O assento? O vento! ...  
Sou do mundo, nem do campo, nem da cidade.  
Não tenho idade.  
Recebo e respondo pelas pontas, pelos chifres da Nação.  
Sou Exu...  
(JÚNIOR, 1993)*

*Exu come tudo que a boca come, bebe cachaça, é um cavaleiro andante e um menino reinador. Gosta de balbúrdia, senhor dos caminhos, mensageiro dos deuses, correio dos orixás, um capeta. Por isso tudo sincretizaram-no com o diabo: em verdade, ele é apenas um orixá do movimento, amigo de um bafafá, de uma confusão, mas, no fundo, uma excelente pessoa. De certa maneira, é o não onde só existe o sim; o contra em meio do a favor, o intrépido e o invencível. (AMADO, 2012)*

O orixá, nas narrativas, é o sujeito da ação, ele é a própria ação que esta sendo cartografado. Reparem que nos textos de Jorge Amado e de Carybé a descrição não é de uma imagem do divino fora do mundo, transcendente. Exu é presença, é corpo que come, bebe e anda. Assim é para muitos do candomblé, o divino ou a cidade se presentificam, tornam-se sujeitos ativos da estória que, de tanto

ser contada, vira história. E esse sujeito é bem quem tem condições de romper a racionalidade desenvolvimentista que intenta o controle de todas as variáveis em suas mais diferentes escalas e naturezas, mas que, ao mesmo tempo, recalca o descontrole desconsiderando todas as irracionalidades que lhe são inerentes. Ele, que é o não onde só existe o sim; o contra, em meio ao favor, ao ser cartografado sem as tradicionais fantasias folclóricas talvez possa quebrar o encanto do tempo único, vivido para frente e para o alto como se fosse uma linha reta que cresce continuamente, sem curvas e nós atados.

## **AÇÃO: CARTOGRAFIA PARA [DES]ENCONTRAR O EXU DO PERCURSO E, DE QUEBRA, DESESTABILIZAR PULSÕES DESENVOLVIMENTISTAS**

*[...] cartografia é a grafia de uma carta efetivamente a tal forma a que você tenha como navegar [...] navegação é o desenho da carta, é a grafia da ação, de modo que você possa sustentar a ação mais adiante, com os recursos disponíveis, com o que pode impedir a ação também, o que pode combater essa ação, o que pode destruir essa ação. É uma cartografia voltada para o sujeito para que ele se oriente no espaço [...] Então um dos mapas mais lindos pra mim, um dos mais importantes, e o mapa da resistência francesa que está num livro que é sobre Walter Benjamim, que chama Por Walter Benjamim. O livro tem um mapa que para mim é maravilhoso, é o mapa da resistência que atravessa os Pirineus. É lindo. É esse mapa que orienta a fuga do Walter Benjamim e de vários outros judeus que saem da Catalunha. Então esse mapa está todo riscado, assim, aqui você pode ir, ali você não pode ir, aqui você pode bater na porta, ali você não pode. Esse mapa e um mapa da ação, ele apoia o sujeito da ação, por um lado tem a expressão da ação cartografada e de outro lado você tem o mapa que apoia a ação do sujeito. (BIASE, 2012)*

153

Ação: faça o esforço de esquecer padrões de medidas calculáveis como tempo, distância, localização geo-referenciada. Esqueça que há um percurso determinado que deva ser cumprido em um cronograma já estabelecido, porque Exu vai te levar por onde é preciso ir, ou não, e não necessariamente para onde você quer ir. As regras talvez fiquem ao contrário, sair da norma ou voltar para ela... tudo é aceitável e pode ser justificado. O tempo é agora sucessão de acontecimentos, nem sempre ordenado de modo cronológico. O que importa daqui para frente ou para trás são os encontros possíveis, a vontade de ficar mais ou menos. O tempo e o espaço são da ordem do que se experimenta e não do que se planeja, conta ou mede.

Ação: descubra o corpo e as sensações que o atravessam. Crie um código para as sensações: a mão coçou, vire a direita; a perna formigou, saia correndo; começou a chover, abra a boca para matar a sede... respeite essas sensações, não as diminua com sua racionalidade que vive inventando desculpas do tipo: tem gente olhando, você não tem tempo para isso...









Ação: faça muita festa e a ofereça ao orixá, pedindo-lhe licença. Invente um sarau cultural. Coloque som, comida e misture todo tipo de gente na rua. Reze para tudo dar certo, porque com Exu nunca se sabe...

Ação: não queira disciplinar e controlar tudo, deixe existir vazios sem explicação e invente saberes para nada.


Ação: encontre um artista chamado Zmário, que tem uma coleção maravilhosa de xícaras e que gosta de fazer cafezinhos na esquina da rua, deixando sua coleção para ser usada por quem quiser. Sente na calçada com ele e dê papo para qualquer um que chegar.

Ação: veja a mulher vestida de vermelho que passa do outro lado da rua, desacelere e pare para olhá-la. Ela fala com o vento, conta um segredo no ouvido de alguém que a acompanha, mas que você não pode enxergar. Deixe essa imagem te impregnar.

Ação: preste atenção nos cachorros de rua e nas crianças que conseguem um pouco de sossego. Eles criam situações inimagináveis, principalmente para uma mente tão subjetivada pela necessidade de ir para frente, subir na vida, cumprir as metas, etc. Siga esse movimento e descubra parte da outra cidade.

Ação: deixe-se ficar, ande lento, mesmo que a sucessão dos acontecimentos não seja lá muito compreensível e que isso não sirva para alguma coisa.

Ação: pare para ver gente conversando, siga o som de gargalhadas des-pudoradas. São raras, aproveite todas as chances.

Ação: se, depois de tudo, você ainda estiver em Salvador, andando pelo Centro da cidade, crie atenção especial quando chegar às esquinas... basta pedir que Ela escuta e fala. 

CARYBÉ. *As sete portas da*

*Bahia*, textos e desenhos de Carybé.

Rio de Janeiro: Record, 1976.

JÚNIOR, Mario Cravo. Poema Exu  
para Jorge Amado. *A Tarde*. Salvador,  
5 jun. 1993.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *A cidade  
de neoliberal: crise societária e cami-  
nhos da ação*. Observatório Social  
de América Latina, v. 21, 2006.

\_\_\_\_\_. Territórios da sociedade:  
por uma cartografia da ação. In: SIL-  
VA, Catia Antonia (Org.). *Território  
e ação social: sentidos da apropriação  
urbana*. Rio de Janeiro: Editora Lam-  
parina;FAPERJ, 2011.